***O RETRATO DE DORIAN GRAY*: uma leitura dialógica da vaidade humana**

Tatiele Novais Silva (UNESP – Assis; FAPESP;)¹

A vaidade humana é um tema expressivo na sociedade contemporânea, partindo dessa constatação pretende-se desenvolver um estudo que reflita sobre como a literatura tem abordado tal temática. Nesse sentido, a obra escolhida como objeto de análise evidencia os traços da juventude e beleza dentre os que permeiam a vaidade humana para representá-la na constituição do sujeito.

A leitura da “vaidade humana” por meio da obra *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, está calcada na perspectiva teórica que fundamenta a leitura proposta como dialógica, escolhida como método interpretativo tal qual o concebe o círculo de Bakhtin, Medvedev e Voloshinov . Nas palavras de Petrilli:

[...]Bakhtin realiza, a partir da literatura, do ponto de vista da literatura, uma crítica anti-sistêmica que põe em questão toda forma de fechamento totalizante, mostrando que a literatura se compõe indissoluvelmente por materiais extra-literários, que a escritura literária reelabora e reorganiza, de outra perspectiva que lhe é própria, específica. (...). O texto literário é um texto responsivo, texto que pressupõe, como toda enunciação, uma compreensão responsiva; e aquilo a que responde é ao mundo da vida vivida, a *vivência*. Por isso, lê-lo e interpretá-lo significa compreender o tipo particular de seu engajamento, de sua resposta, de sua responsabilidade. (PETRILLI, 2010, p.36-37)

A partir desse ponto de vista é possível refletir acerca da vaidade humana, representada na obra de Wilde. O objetivo é pensar sobre como a arte, especificamente a literatura, semiotiza, para usar as palavras do filósofo russo, a vida, por meio da temática da vaidade.

Essa temática é incorporada (literal e figurativamente) no romance pelo protagonista (Dorian) e, de maneira dialógica, “refletida” e “refratada” no quadro (retrato – tipo específico, portanto, de pintura) que a representa. A leitura a que se propõe centra-se na análise da personagem principal do romance em diálogo com seu retrato (a obra de arte). Tratar-se-á, nesta leitura, da vaidade sob dois prismas, ambos

¹ Graduanda de Letras da UNESP – Assis, estudante-pesquisadora do GED – Grupo de Estudos Discursivos, bolsista FAPESP. Orientadora: Luciane de Paula. Este artigo é resultado parcial do desenvolvimento da pesquisa em andamento, do projeto denominado “**A VAIDADE DE DORIAN GRAY: análise dialógica entre gêneros – o romance e o cinema no centro da cena**”.

vistos como, ao mesmo tempo, social e individual: a vaidade da beleza (do homem) e do belo (da arte). O tema é importante para a compreensão dos sujeitos representados por meio de enunciados, e para se pensar a maneira como essa temática e os traços que compõe interferem no sujeito e suas ações.

A relação dialógica entre Dorian Gray, seu retrato e o pintor

Ao estudar o romance de Oscar Wilde a partir da análise dialógica discursiva é possível entender a relação entre os personagens e o objeto que dá título a obra, e como essa relação traz à tona valores ligados a beleza e vaidade. Ao observar o título da obra, *O Retrato de Dorian Gray*, é possível estabelecer de imediato o quanto significativo ele é por meio do enunciado, pois já adianta que Dorian Gray, o sujeito (personagem principal) e seu retrato (símbolo de sua alma – sua representação, retratação metaforizada) protagonistas de um enredo no qual não há retrato sem Dorian e nem este sem o retrato. A elaboração do conteúdo e os sentidos da narrativa estão calcados na relação intrínseca de ambos Dorian (aparência de vida) e retrato (essência do ser).

O retrato como objeto valorado socialmente tem o papel de fazer enaltecer o objeto representado. E esse objeto, normalmente uma figura humana, é pintado por diversos motivos, por exemplo, essa figura pode ser um indivíduo de grande prestígio social ou ser dotado de grande beleza. Pode-se pensar então que o objeto do retrato carrega por meio de sua função social como signo ideológico é um dos objetos que carregam por excelência engrandecimento e disseminação das vaidades.

O retrato é o signo ideológico com função de representar algo ou alguém, na obra ele vai além dessa função, ele representa metaforicamente a alma e ações do personagem, como também é objeto das vaidades do pintor. Esse signo ideológico ajuda a identificar ideologias dos sujeitos e de grupos socialmente organizados presentes no discurso. O desdobramento de si por meio do retrato permite esconder e mostrar o monstruoso de si, e ao mesmo tempo revela aquele que contempla a obra de arte e as hipocrisias sociais. Assim, se tem uma visão do sujeito como múltiplo, o quadro é parte desse sujeito que o representa e o constitui como tal.

A relação entre o personagem principal para com o pintor dá-se por meio do espaço de construção da pintura de Dorian Gray, durante o processo o personagem entra em contato com Lord Henry e seus valores contraditórios, valores esse que reagem e interferem sobre o personagem retratado.

Lord Henry têm um papel importante, ele exemplifica os valores sociais de sua classe (poder aquisitivo), da boemia (decadência moral por meio de ações transgressoras para si e com o outro) e do narcisismo. Esses valores vão agir sobre a relação de Dorian/pintor e Dorian/retrato, o personagem torna-se obsessivo pela beleza, ao encarar o retrato e reconhecer a imagem si próprio mediante valores a ele expostos por Lord Henry. Por seu excesso de vaidade se distancia aos poucos do pintor, e a relação de Dorian com o quadro se torna conflituosa à medida que o quadro reflete suas ações.

A vaidade humana vista pelo viés da perspectiva dialógica é identificada levando em conta a arquitetônica (material, forma e conteúdo) da obra, a compreensão das relações de Dorian com o quadro e seu criador é dada levando em conta discurso instituído e construído por meio pelos personagens.

O artista revela o outro por meio da arte e revela a si e por meio outro, assim como os valores sociais metaforicamente pintados no quadro como representação ideológica, “—Harry, todo retrato pintado com sentimento é o retrato do artista e não do modelo. O modelo é o mero acidente, uma ocasião. Não é ele quem o pintor revela; é muito mais o pintor que, na tela colorida, revela-se a si mesmo.” (Wilde, 2010, p.18). A relação entre o eu e o outro é fundamental para a compreensão de como os personagens vão se compondo ao longo do enredo. A relação dialógica entre eles permite que um interfira sobre o outro à medida que são também influenciados pelo ambiente (esfera) social que abriga as forças que impulsionam seus atos.

Por meio do discurso de Basílio Hallward é perceptível sua adoração pela própria arte e pela beleza que sua criação representa. Basílio Hallward vê a beleza de Dorian como a fonte de sua inspiração, na obra o próprio Dorian chega a questionar o pintor como interessado apenas na arte e no belo para a criação artística, “— É... creio que faria mesmo, Basil. Você gosta mais de sua arte que dos amigos. Eu, para você, não passo de uma figura verde, de bronze. Quase a mesma coisa, ousou dizer.” (WILDE, 2010, p.43).

O retrato é feito o mais fiel possível do rapaz e este retrato passa a ser o ponto de articulação das forças ímpares entre personagem e sua representação, das quais atuam na esfera de atividades (meio social) onde há um embate entre valores sociais voltados à aparência: a supervalorização da beleza e a maneira como esta, aliada à juventude, apresenta-se como fator essencial para o melhor proveito de uma vida. Os valores relacionados a beleza e as vaidade aparecem e são enfatizados nos discursos enunciados pelo personagem Lorde Henry:

A beleza, para mim, é a maravilha das maravilhas. Apenas as pessoas superficiais não julgam pelas aparências. O verdadeiro mistério do mundo é o visível, e não o invisível..., sr.Gray; os deuses foram bondosos com você. Mas, tudo o que os deuses dão, tiram rapidamente. Dispomos de apenas alguns poucos anos para viver com realidade, perfeição e plenitude. Quando a juventude se for, a beleza irá com ela e você descobrirá, de repente, que não restaram triunfos por conquistar, ou terá que se contentar com os triunfos por perversos que a memória **do** passado tornará ainda mais amargos que as derrotas. E cada mês que feneça o fará aproximar-se, mais e mais, de algo medonho. O tempo tem inveja de você e abre guerra contra seus lírios, suas rosas. Você ficará pálido, de bochechas fundas, de olhos opacos. Você sofrerá horrivelmente...Ah! Perceba a juventude enquanto a tem. (Wilde, 2010, p.38-39)

A tensão localizada entre as divergências nas vontades de Dorian e do pintor possibilita compreender a relação entre os dois personagens e ainda a posição do retrato diante deles como objeto causador do conflito e revelador das reais perspectivas de interesses individuais, pois os personagens elevam suas vaidades e constroem seus atos de maneira camuflada no ambiente vivido.

Desse ponto de vista, a posição como sujeito de Dorian e de Basílio na obra e a relação responsiva estabelecida para com a pintura do protagonista é o cerne da temática vaidade no romance. O deslumbre por parte do representado logo se rompe, pois desenvolve uma espécie de ciúme pela pintura e, ao desenrolar da história, isso se transforma em repugnância e ódio, sentimentos também despertados no autor da pintura.

As vaidades incrustadas nos personagens no romance são distintas, uma vez que Dorian é dotado de grande beleza e se envaidece por sua imagem (semiose da semiose), exaltando sua superioridade diante da vida, da morte e da moral (conforme o meio social em que está inserido); enquanto Basílio, absorto em sua arte, a eleva sobre o belo e procura o que a sua visão de artista melhor representa: o maravilhoso da e na pintura e, por fim, o quadro é o objeto de vaidade, o espelho de tudo aquilo que representa as vaidades humanas. No trecho seguinte Dorian reconhece sua beleza por meio do retrato:

Quando o viu, recuou e, por um momento de prazer, as maçãs do rosto empalideceram. Uma expressão de alegria brotou-lhe nos olhos, como se houvesse reconhecido pela primeira vez. Ali ficou, imóvel, em cima, com a leve consciência de que era a ele que Hallward se dirigia, sem que ele, entretanto, conseguisse captar o significado daquelas palavras. A sensação da própria beleza brotava nele

como uma revelação. Jamais o sentira. Os elogios de Basil Hallward haviam soado, até então, meros exageros de amizade. (Wilde, 2010, pag.41- 42)

As escolhas resultantes do posicionamento diante da vida fazem dos personagens vítimas da consciência individual, das relações sociais do cotidiano. Levando em conta o contexto social apresentado a obra, os personagens podem ser vistos como impregnados de valores controversos que digladiam nesta esfera e agem nos sujeitos integrantes deste meio, a pintura passa a representar os atos e as ações cotidianas de Dorian.

Após o episódio em que é desejada a inversão dos papéis entre representado e representação (o retrato) pelo protagonista, suas ações mudam. O personagem Dorian Gray, envaidecido com sua beleza, entra em um processo de decadência, devido ao fato de nunca envelhecer. Seu quadro irá refletir suas atrocidades e envelhece em seu lugar, como uma espécie de espelho da alma do personagem, por meio dele que se evidenciam traços típicos da vaidade, como o culto à beleza e à juventude. A primeira marca da degradação do personagem ocorre após Sibyl Vane se matar em função de ser humilhada e abandonada por Dorian:

Depois de liberar a botoeira do casaco, pareceu hesitar. Por fim, voltou, foi até o quadro, examinou-o. À luz tênue, suspensa, que se debatia nas cortinas de seda cor de creme, o rosto pareceu, a ele, algo mudado. A expressão parecia diferente. Havia, dir-se-ia, na boca, um toque de crueldade. Com certeza, era estranho. (Wilde, 2010, p.121)

Apesar de relacionar a aparente mudança no quadro onde sua boca apresentava um retoque de crueldade como resposta por suas ações, o personagem não se intimida com a modificação e continua agir em função de suas vaidades. Em uma visita a Dorian, o pintor interroga o rapaz acerca de suas atitudes e se depara com o que sua obra se tornara: “Tratava-se de uma paródia torpe, de alguma sátira infame, ignóbil. Não fora ele quem a fizera. Mesmo assim, era seu próprio quadro.” (Oscar Wilde, 2010, p.199).

Diante da descoberta, o diálogo revelador entre o modelo (Dorian) e o pintor mostra o retrato da alma do modelo em decorrência de sua degradação moral, mas pintada (moldada) pelo pintor. Percebe-se o confronto de valores ideológicos que se dá por meio do discurso do pintor e de Dorian, o criador (pintor) absorto se nega a enxergar seu objeto de criação como aquele que presenciava sem o belo e exuberante

que antes representava, negando-se até de acreditar ser aquele o Dorian (belo e jovem) que conhecera.

—Você me disse que o havia destruído.
—Eu estava errado. Foi ele que me destruiu.
—Eu não acredito que este seja o quadro que eu fiz.
Dorian amargou.
—Você não vê, nele, seu ideal?
—Meu ideal, como você o vê...
—Como você o via.
—Não há nada de mal nele, nada de indecente. Você foi, para mim, um ideal que jamais reencontrarei. Este aí é o rosto de um sátiro.
—É o roto de minh'alma.
—Por Deus! Que coisa fui adorar! Tem os olhos do diabo.
Dorian fez um gesto intempestivo, de desespero.
—Dentro de nós, Basil, todos temos céu e inferno.
—Hallward voltou-se novamente para o retrato, olhou-o.
—Meu Deus! Se isto for verdade, e se for isto o que fez de sua vida, você, então, é pior do que o que dizem aqueles que o acusam! (WILDE, 2010, p. 200-201)

Mediante o quadro, o pintor conhece o que se tornará a pintura de Dorian e se dá conta de que a relação entre a pintura e o modelo é em parte influenciada por seu culto à beleza, à arte e à vida. Ao colocar em questão até que ponto o representado e a representação são divergentes ou convergentes, influenciados por ações e resultados delas, perceber-se o confronto do personagem com seus valores em relação à adoração ao belo e como estes valores influenciaram Dorian e sua obra de arte (o retrato).

Os valores ideológicos em embate na fala dos personagens permitem perceber como os valores de um permeiam o outro, como ecos em suas ações, seja na criação artística como ação ou nos atos cotidianos. A ideologia que a princípio é marcada pelo traço do culto à beleza e agora pelos outros aspectos da vaidade, retrata com que clareza o quadro se modifica a cada prática exercida pelo protagonista em sua vida em consequência de seu envaidecimento, arte (o retrato) reflete metaforicamente a vida do personagem, ou seja, a arte e vida se entrelaçam para reavivar o seu objeto, o Dorian.

O diálogo de Dorian com Basil suscita se pensar na questão da composição do sujeito, ao se levar em conta a concepção teórica abordada na pesquisa sobre o sujeito, o conteúdo da obra permite se pensar que a completude do outro (Dorian) mediante a história acontece por meio da representação do quadro, o quadro no romance pode ser visto como parte do personagem, pois ele revela uma parte oculta de Dorian que o compõe como sujeito.

Por meio do personagem Dorian Gray, a pintura apresenta a responsividade diante dos atos de criador (Pintor) e criatura (Dorian). As escolhas resultantes do posicionamento diante da vida fazem dos personagens vítimas da consciência individual, das relações sociais e éticas do cotidiano que envolve a narrativa da história.

Dorian impregnado por uma ideologia fragmentada pelo desfrute desordenado de si em função do prazer e sua posição social, como consequência de seu envaidecimento, válida o sentido do texto firmado ao passo de o quadro voltar a ser belo enquanto Dorian se torna a figura antes refletida na pintura. Os eventos que deflagravam a sua vivência ordenados esteticamente reforçam uma crítica ácida ao status de beleza como ideologia na sociedade.

Dorian Gray tem seus atos refletidos e também refratados no retrato que como signo ideológico é um fragmento que o compõe como sujeito, a posição do personagem como sujeito significa dentro do contexto da obra e se transforma, acima de tudo depois do contato com Basil e Henry e da realização da obra pictórica. Ao destruir o quadro o personagem tem sua real face incorporada a si e o quadro torna a ser belo, o representado e a representação, um representando o belo e o outro o oposto se completam, dois eus de uma mesma face transformada por valores ideológicos que se entrelaçam para compor um só sujeito.

Os sujeitos se influenciam de forma mútua como pode-se observar por meio dos personagens de Henry, Basil e Dorian. Eles estabelecem uma relação na qual opiniões, filosofias de vida e ideias influenciam constantemente sobre o outro e retorna por meio de uma resposta (ações, fala, pintura). Essas relações permitem identificar e compreender os valores presentes nesses sujeitos, valores esses principalmente relacionados a vaidade humana, e como os sujeitos são contaminados pelos valores ideológicos da sociedade ou do grupo social pertencente, no caso de Dorian por meio da arte e do discurso vaidoso.

A vaidade como elemento de estudo para a compreensão os discurso estético que representa, de alguma forma, esse traço típico do narcisismo e culto à beleza. Ela (a vaidade) é o conteúdo temático central do romance de Wilde, vista como representação de uma voz (de determinado grupo) social, influente sobre o sujeito, em determinadas circunstâncias histórico-sociais (tempos e espaços) e que interferem na significação da obra, ela é representada conforme os valores sociais do tempo-espaço da produção e contribuem para a composição de sua arquitetura.

Beleza, vaidade e representação do sujeito

Os padrões de beleza instaurados nas sociedades e as tendências aos modismos são formas de se instaurar discursos predominantes nos meios sociais em que esses discursos circulam, por meio do verbal ou do não-verbal. As concepções de belo variam ao longo da história da humanidade sendo instável o conceito que define o que vem a ser belo, pois tal concepção se modifica conforme o contexto sócio-histórico dos sujeitos e grupos sociais.

Os enunciados se diferenciam sempre, pois são únicos, entretanto, a carga semântico-ideológica se assemelha como (re)significação de discursos sobre padrões de beleza e valores fixados nas mais diversas esferas histórico-culturais. Os padrões semiotizados pelo discurso, como na vida, são respostas dialógicas aos modelos instaurados no decorrer da história. Um novo padrão surge em oposição ou complementaridade a um existente e se firma uma imagem recriada e valorada como ideal em uma “cultura da beleza”.

Em o *Mito da Beleza*, Naomi Wolf expõe como as imagens da beleza feminina são uma arma política contra a evolução da mulher e, apesar de abordar a questão da beleza relacionada à mulher, é possível, por meio das reflexões de Wolf, compreender a beleza como convenção social. As ideias acerca da "beleza" evoluíram a partir da Revolução Industrial, lado a lado com ideias relacionadas ao dinheiro, de tal forma que as duas atitudes são praticamente paralelas em nossa economia de consumo.

Desde a Revolução Industrial, as mulheres ocidentais da classe média vêm sendo controladas tanto por ideais e estereótipos quanto por restrições de ordem material. À medida que as mulheres se liberaram da mística feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, para assumir sua tarefa de controle social. A "beleza" é descrita como um sistema monetário, e como sistema, ela é determinada pela política de uma sociedade patriarcal, que instaura um modelo de beleza de acordo com um padrão físico imposto culturalmente.

A invenção de tecnologias de produção em massa, como as fotografias, que sugeriam imagens de como deveria ser a aparência das mulheres, imagens de "belas" mulheres apareceram em anúncios. As reproduções de obras de arte clássicas também chegaram à esfera íntima. Cartões-postais com beldades da sociedade invadiram a esfera isolada à qual estavam confinadas as mulheres da classe média. O mito da beleza ocorre

de maneira a interferir e determinar o comportamento dos sujeitos quanto à sua aparência física.

A juventude e a beleza estão relacionadas, de forma intrínseca, à disseminação de imagens ditas ideais, o que ocasiona a busca de figuras-modelo e, por exemplo, temores como o do envelhecimento. Esse impasse na vivência cotidiana é recorrente e colabora para compor retratos de modelos de beleza por meio do uso dos cosméticos e das cirurgias plásticas estéticas. As transformações do corpo e do vestuário na cultura da beleza são ocasionadas por valores instituídos socialmente mediante a imagem do sujeito que, muitas vezes, é confundida com sua identidade.

A representação da beleza dissemina imagens de um ideal inatingível, irreal e artificial, principalmente na contemporaneidade, quando revistas, filmes, livros e a cultura em geral produzem e reproduzem no mercado da moda e da arte uma beleza ilusória, instaurando na sociedade a necessidade de se enquadrar em modelos e padrões cada vez mais rígidos e doentis. As sociedades impregnadas por uma ideologia de grupos que ad constituem, fazem da beleza um signo ideológico representativo, pois a idealização da beleza está sempre presente no âmbito social se propagando por meio dos discursos, principalmente aqueles que visam o mercado econômico movido pelos produtos de beleza e recursos ligados à estética do corpo. As propagandas se mostram, nesse sentido, discursos eficientes para propagar valores ideológicos acerca do belo na sociedade contemporânea.

As mídias podem instaurar na sociedade um padrão ou padrões de beleza “aceitáveis” e, ao mesmo tempo, dar voz ao sujeito que não pertence a tais padrões de acordo com seus interesses. Assim, aparecem discursos que respondem de maneira favorável ou não favorável aos padrões instaurados, a fim de combater ou aceitar o discurso único acerca da beleza ideal, trazendo à tona o constante embate de diferentes valores ideológicos. Mediante essa constatação, surgem as questões acerca do que é belo mediante o individual e o social e como o discurso da beleza está arraigado na sociedade contemporânea, na qual homens e mulheres estão inseridos no contexto de cobrança sobre a aparência física. A beleza pode ser vista, então, como conceito instaurado e constituído por meio da sociedade e das relações entre sujeitos e grupos sociais, inclusive, relações de poder.

O enunciado é concebido como unidade de comunicação e de significação, necessariamente contextualizada. A noção de enunciado tem papel importante na concepção da linguagem, tal qual concebida pelo pensamento bakhtiniano. O enunciado

está repleto de ecos e reverberações de outros enunciados. Desse ponto de vista, um enunciado responde a outro. Assim, um enunciado que traz valores relacionados ao padrão de corpo ideal como sendo o magro pode ser retomado e confrontado por outro, que afirme o corpo ideal não é o magro etc. Essa tentativa de incorporação dos enunciados colabora para a criação de novos enunciados, com valores ideológicos diferentes, e que se confrontam em constante diálogo.

Para ilustrar a questão dos valores que permeiam os discursos sobre a beleza, discuto acerca de um vídeo² que apresenta mulheres que fazem sua própria descrição física para que seja desenhado seus rostos a partir da descrição, após esse processo é feito um novo desenho retratando a mulher sob a visão de outra pessoa, ao final do vídeo as mulheres encaram os dois desenhos. Por meio do vídeo é possível perceber o quão a ação de descrever a sua aparência ao outro revela valores relacionados a beleza e a vaidade e como eles afetam a maneira como o sujeito enxerga a si próprio.

O vídeo sugeri reflexões que permitem entender as formas de representação dos valores ideológicos constituintes dos discursos que envolvem a “cultura da beleza” e como eles estão presentes no cotidiano e em nossas vivências na contemporaneidade, e principalmente como afetam os sujeitos a visão que tem de si e do outro.

O discurso como “arena onde se digladiam valores sociais” semiotisa a vida, com seus valores, revelados por meio do signo ideológico. Sendo assim, os valores ideológicos relacionados à beleza fazem parte da constituição do sujeito, que se dá na relação com o outro, de maneira responsiva e responsável. Essa relação é estabelecida no âmbito social, esfera onde os discursos dos padrões de beleza são construídos e fixados. As escolhas resultantes do posicionamento diante os discursos da “cultura da beleza” podem colaborar ou ratificar constituições de sujeitos ou críticos, mediante discursos de padrões pré-estabelecidos; ou vítimas de padrões que carregam valores ilusórios e fabricados acerca de uma “beleza ideal”.

Discurso e arte

Uma vez que os valores são intrínsecos aos discursos, por meio do signo ideológico é possível visualizar valores humanos como a vaidade, o embate ideológico no centro do texto/discurso artístico, a concretização do sujeito e as relações representadas simbolicamente pelo signo ideológico influenciado pelas vivências

²Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=II0nz0LHbcM>

semiotizadas pela linguagem. Por meio do signo que fica possível identificar as tensões que compõe a esfera de atividades onde o primeiro vai estar impregnado de ideologia, o signo ideológico está impregnado de valores que permeiam o ambiente social de criação e perduram na obra de arte. Conforme Bakhtin/Volochinov:

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. *É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral.* Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997, p.33)

O discurso artístico reflete e refrata valores ideológicos acerca da própria arte, o romance *O retrato de Dorian Gray* permite refletir sobre a vaidade humana, a beleza e a relação da própria arte com o belo e o envaidecimento do homem pelo instituído socialmente como a beleza ideal. É então por meio da linguagem fica possível refletir e compreender a relação existente entre o discurso e a sociedade – com seus valores impregnados tanto na linguagem quanto nos sujeitos, ambos, produtos e produtores de sentido, especificamente marcada pela individualização e a individuação traço tão típico da modernidade.

Por intermédio da linguagem compreende-se o diálogo existente entre o discurso e a vida, então é possível abordar, estudar e tentar compreender parte da faceta humana identificando as vozes que compõem a arena social que caracteriza o discurso, o gênero e a linguagem, dialógica como o homem projetado em sujeito enunciado que “reflete e refrata” valores morais e sociais na obra.

Os valores morais e sócias representados por uma ideologia predominante no discurso artístico, a obra como elaborado em determinada sociedade absorve e refrata a ideologia do cotidiano, a vida e a arte mediadas pela ideologia de determinado grupo representada por meio da linguagem. Segundo Bakhtin/Volochinov:

Os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o

tom a essa ideologia. Mas, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos constituídos conservam constantemente um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano;[...] (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997, p.33)

Por meio do trecho é possível compreender a ideologia intrínseca ao discurso que impregnado pelas vozes sociais compõe os sujeitos e o meio social presente na obra. O signo e a situação social estão indissolúvelmente ligados, o signo ideológico registra as menores variações das relações sociais.

O diálogo entre verbal e não verbal se dá ao passo que o quadro se torna tão sujeito na obra quanto o próprio Dorian Gray, onde tal constitui o eu do quadro e este é constituído a partir do outro, por meio do outro fica possível então ver o protagonista desnudo de moral e revelando sua verdadeira face. A vaidade abrange dimensões e perspectivas amplas, desde o universo vaidoso da arte a o homem vaidoso e uma sociedade que impõe valores vaidosos, a temática vaidade está presente nas relações entre os sujeitos e as define, especialmente em relação à pintura do protagonista.

A obra requer uma leitura dialógica, para compreender onde o verbal e não verbal simulam a vivência do homem e seus atos. Pode-se identificar Dorian como discurso na vida e o seu quadro como discurso na arte. Ambos respondem ao culto à vaidade, tão típico de nossa sociedade contemporânea. O cotidiano está presente na arte e na vida, Oscar Wilde por meio da linguagem literária representa a vaidade na vida do personagem e no meio do qual está inserido, sendo por consequência a obra evidenciar também o que se dá a vida do personagem em decorrência de seus atos, ou seja, seus atos são responsivamente causadores de sua decadência.

O texto literário abrange o verbal e o extralinguístico de maneira que esses signos contribuem para o estudo das relações dialógicas entre as obras, sendo essas divergentes ou convergentes, principalmente ao se levar em conta os elementos mínimos de construção de sentido e acabamento estético do discurso, dados esses (elementos estéticos) por meio da representação sónica. A linguagem, o sujeito e os valores são construções sociais e elementos ímpares para o entendimento possível das relações de sentidos.

Considerações finais

O sujeito (composto na e pela linguagem) constitui-se por meio e a partir do outro e o outro se constitui por meio e a partir do “eu”, em relações dialógicas responsivas e

responsáveis, o discurso como “arena onde se digladiam valores sociais” semiotiza a vida, com seus valores, revelados por meio do signo ideológico. O discurso literário que traz a temática vaidade à tona, permite se refletir sobre valores ideológicos relacionados a vaidade humana e como esses aparecem âmbito da linguagem.

Pensar a criação artística como reflexo e refração das vaidades humanas que respondem responsivamente, presente na linguagem artística, faz-nos compreender as manifestações da vaidade humana na cultura e o papel que os sujeitos empenha nos meios sociais e culturais.

Bibliografia

BAKHTIN, M.M. (VOLOSHINOV) (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAKHTIN, M. M. / VOLOSHINOV. “Discurso na vida e discurso na arte”. Tradução de Carlos Alberto Faraco apenas para uso acadêmico. Mimeo, sem referências.

BAKHTIN, M. “Arte e Responsabilidade”. *Estética da Criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GERALDI, J. W. “Sobre A Questão Do Sujeito”. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável. Volume 1. Série Bakhtin – Inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MACHADO, I. “A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia”. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável. Volume 1. Série Bakhtin – Inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MELO, R. de. “O Discurso Como Reflexo e Refração e Suas Forças Centrifugas E Centrípetas”. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável. Volume 1. Série Bakhtin – Inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

PETRILLI, S. “Uma leitura inclassificável de uma escritura inclassificável: uma abordagem bakhtiniana da literatura”. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável. Volume 1. Série Bakhtin – Inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

PONZIO, A. “O pensamento dialógico de Bakhtin e de seu Círculo como inclassificável”. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável. Volume 1. Série Bakhtin – Inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

- SOBRAL, A. “Ético e Estético: na vida, na arte e na pesquisa em ciências humanas”. In:
BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin – Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- WILDE, O. *O Retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Abril, 2010.
- WOLF, N. *O mito da beleza*. Tradução de Waldéia Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. E-Book.